

## 5.

### Conclusão

Foi proposto nesse trabalho contemplar os significados da corporalidade na cena noturna gay da cidade do Rio de Janeiro, tendo como objetivo geral observar os usos e significados do corpo no ambiente que delimitamos.

Nesse processo, o nosso percurso tomou vários caminhos, nos vendo compelidos a tomar emprestado conhecimentos de outras áreas do saber, usando recursos de saberes correlatos, para desenvolver uma investigação profunda quanto ao objeto de estudo em questão.

Na fase exploratória da pesquisa evocamos a literatura específica sobre o tema e nos deparamos com várias abordagens que defendem as manifestações corporais como uma linguagem.

Dessa forma, para a compreensão do campo de estudo em questão, se faz necessário um esforço transdisciplinar para entendimento das manifestações corporais em seus matizes culturais, tendo sempre como ótica o olhar do designer.

O trabalho desenvolvido tratou-se de uma investigação que evocou várias interpretações sobre as formas de vida desses indivíduos e o modo como eles se manifestam através do corpo.

Vale ressaltar a necessidade de se investigar no âmbito do design as questões relativas à subjetividade e à sexualidade, uma vez que o nosso entorno material é reflexo de nossas especificidades subjetivas, assim como da forma como vivemos nossa sexualidade.

Como tratado no decorrer da dissertação, o olhar do designer é um olhar privilegiado, que possibilita uma atenta observação sobre os significados atribuídos aos artefatos de nossa cultura material, dentre elas, nossas representações subjetivas sobre a sexualidade e o modo como nos idealizamos imagetivamente.

Tendo como foco as expressões do transformismo, levantamos no decorrer da pesquisa estudos já existentes acerca da homossexualidade, episteme esta que evoca tantos questionamentos e preconceitos no contemporâneo, tentando aqui desconstruir e questionar tais formulações.

Vindos de um século em que a questão da sexualidade fora tão reificada e cristalizada nos interstícios da subjetividade moderna, transformando-se em discurso, nos deparamos nessa situação com a necessidade de quebrar

estereótipos e estranhar paradigmas por meio das reflexões oriundas da teoria *Queer*.

Tentando remontar os processos sociais na fabricação do sujeito, entendemos o corpo como um espaço ambíguo, carregado de paradoxos e peculiaridades culturais. As representações do transformismo, ou, “*performances*”, remontam à plasticidade dos valores de gênero no nosso ambiente de pesquisa, que faz alusão inclusive aos valores constituintes da cultura ocidental moderna, o individualismo.

O olhar lançado ao objeto de estudo em questão nos faz evocar a singularidade e a complexidade da vivência de cada indivíduo observado. Quanto às construções imagéticas observadas, vimos que as figuras em questão nos evocam uma necessidade de resistência às barreiras de gênero construídas culturalmente, e uma intenção latente de derrubá-las. O corpo materializado é vivenciado aqui como um espaço de recriação onde a ambigüidade das vivências e do imaginário sexual é trazido à tona na superfícies dos corpos tomando formas polimorfos.

Tais formulações podem ser entendidas também como formas de reiteração de valores e formulações de gênero, trazendo como resultado a recriação de si dando forma à polissemia das relações sexuais,

O travesti e o transformismo trazem em comum a necessidade de transcender as fronteiras de gênero, porém, divergem quanto à natureza de suas transformações. Uma definitiva e outra transitória, que imprimem seu imaginário em seus corpos.

Eles se organizam ora em uma feminilidade muito própria, ora em uma elaboração caricata e humorística das suas vivências, com a proposta de efabular sonhos femininos ou de ironizar a sua realidade cotidiana, porém, sendo toda essa efabulação eminentemente protética.

Nesse cenário, o artista é compelido a encarar a sua realidade ambivalente, quando deposto de todo o seu arsenal simbólico criado, assumindo o papel masculino socialmente imposto.

O universo criado por essas figuras é carregado de sentidos que colocam em evidência o caráter periférico, marginal e resistente dessas construções. São elaborações marcadas por uma vivência opressora, onde o sentido feminino desenvolvido por eles é introjetado de questionamentos sobre o papel social do masculino no contemporâneo e toda a carga simbólica evocada por esse paradigma.

Dicotomias marcam as realidades de tais figuras. A idealização da própria aparência, ora luxuosa e performática, ora simples e rotineira, faz-nos pensar na teatralidade e no jogo de máscaras da vida cotidiana. Tais jogos de representação tão inapreensíveis e ardilosos nas palavras de Maffesoli (1987) , ganham estatuto de linguagem no mundo contemporâneo.

O Design, área de definição tão complexa descobre uma nova ambiência que requer por si uma nova abordagem e um novo modo de trabalho, vide sua nova especificidade, que dialoga tão intimamente com o corpo e sua subjetividade, dialética essa, entre o design e o corpo, bem distante dos paradigmas que envolvem o homem massificado proposto pelo projeto moderno.

Na construção dessas elaborações de performatividades, os transformistas utilizam vários artifícios para a criação e composição dos personagens: indumentária, acessórios, adornos, silicones, uso de hormônios, depilações, maquiagens, gestual, fisionomias, entre outros, cuja produção tem por finalidade, segundo um dos entrevistados, de “imitar, mas não de se igualar a mulher”, pois, o performer vive para dar vida ao personagem. O objeto transmutado se produz pela instância do artifício. O corpo é observado como uma máquina sensorial.

No âmbito do design, observamos que o corpo do transformista será sempre um elemento relevante ao personagem que depende dele para existir. As elaborações para tal construção serão sempre pensadas, idealizadas e projetadas.

Os elementos fruto da construção estarão sempre em inter-relação na constituição da produção como um todo, interagindo com seu entorno. A presença física do performer cresce de importância quando atribuído valores que agregam à sua performatividade, até se tornar parte essencial na elaboração de sua personagem. Neste processo de construção, o artista e a arte se confundem, o corpo é um artefato e conseqüentemente instrumento do próprio homem, o design se faz no próprio corpo. A arte desconstrói, desorganiza , desestabiliza e coloca a ação em risco, celebrando o surgimento de novas formas e significados.

A linguagem é a forma de estruturação mais importante. Enquanto designer criamos e coordenamos o universo perceptível ao dialogarmos uns com os outros.

O design oferece um olhar muito oportuno para contemplarmos as manifestações corporais em razão da legitimação do corpo como suporte discursivo. As manifestações corporais são aqui contempladas e compreendidas como linguagens e discursos não-verbais, vetores para a compreensão dos modos como o ser-humano recria o próprio corpo.

O design oferece um olhar muito oportuno para contemplarmos as manifestações corporais em razão da legitimação do corpo como suporte discursivo. As manifestações corporais são aqui contempladas e compreendidas como linguagens e discursos não-verbais, vetores para a compreensão dos modos como o ser-humano recria o próprio corpo.

Não interpretamos aqui as manifestações observadas como expressões do design. Mas compreendemos tais expressões como um repertório muito rico para a observação, pois o transformismo é uma das manifestações mais hiperbólicas da aparência, de efeitos significantes que colocam em questão, inclusive, as barreiras de gênero.

Tendo as manifestações corporais alçados o estatuto de linguagem no contemporâneo, vemos a possibilidade através do nosso objeto de estudo o poder de estabelecermos interlocuções entre essas abordagens, legitimando uma nova interface no campo do *design*.

O design lida intimamente com representações do imaginário, sua matéria prima, e de seus objetos enquanto sistema articulados entre si no campo dos fazeres humanos, possibilitando a “criação e a recriação da própria significação, efetuada através das coisas [...] O imaginário não só “permeia” a atividade do designer, em todos os níveis, mas que, mais radicalmente, o imaginário constitui a própria matéria que é trabalhada por essa atividade: a sua “matéria prima”( PORTINARI, 1999, p.97).

Esta pesquisa aborda questões relativas às representações imaginárias das elaborações identitárias no universo do transformismo, que pode suscitar diálogo entre as mais diferentes áreas do conhecimento. Um dos feitos do presente estudo foi trazer a verbalização destas figuras do discurso para a análise, o que foi realizada no decorrer da pesquisa. Tais análises trazem um olhar de problematização diante das formas desviantes de vivência da sexualidade e legitimam o corpo como território de afirmação da diferença. Nesse sentido esta pesquisa contempla os objetivos iniciais a que foi proposto.

Finalmente, como podemos observar ao nos debruçarmos sobre o tema analisado, verificamos que o transformismo se trata de um assunto instigante, trazendo à tona diversas discussões, o que levanta outras nos mais diversos campos do saber.